

# Notícias de Barcelos

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO — DR. MATOS GRAÇA

Redacção e Administração  
RUA INFANTE D. HENRIQUE  
BARCELLOS

Chefe da Redacção — João Perelra da Silva Correia  
Editor — Anibal Beleza Ferraz

PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão  
TIPOGRAFIA MARINHO  
Telefone 123 — BARCELLOS

**OS QUE GOVERNAM** a Rússia, parte da Espanha e os partidos comunistas doutros países têm dado sempre provas dum poder inventivo extraordinário. Não se lhes pode negar inteligência. Mas esta não é construtiva. Pela sua índole, pela sua cultura, serve apenas para destruir. Dá-se isto até no campo científico, onde Einstein tentou destruir os princípios fundamentais da mecânica, Freud tóda a psicologia e a moral, Marx a economia, etc.

Agora, com aquela falta de escrúpulos que os caracteriza, pretendem provar, perante os delegados do Comité de Não-Intervenção, que nas fileiras vermelhas combatem apenas uns vinte mil estrangeiros. Para isso desencadearam a ofensiva do Ebro cujo malôgro é fatal e que, no final, há-de servir, como a ofensiva de Teruel, para os vermelhos perderem algumas dezenas de milhares de soldados, entre mortos, feridos e prisioneiros. Simplesmente, nesta ofensiva tomam parte exclusivamente soldados estrangeiros. E o seu objectivo é reduzir o número de estrangeiros nas fileiras vermelhas!

Não reconhecem limite marcado pela Moral, Consciência, Lealdade, nas suas manobras políticas. A vida humana, para os bolchevistas, pouco ou nenhum valor tem. A dos outros, bem entendido...

**O JORNAL** «Tidens Tejn», de 19 de Maio do corrente ano, publica uma crónica verdadeiramente sensacional sobre a Espanha vermelha, denunciando como ali são fuzilados militares e civis, sem julgamento ou qualquer outra formalidade processual. Ninguém poderá apodrar de suspeito este depoimento partindo dum jornal norueguês.

Transcrevemos dêle o seguinte trecho: «A situação, presentemente, é de tal ordem, que não deixam sair nenhum estrangeiro, com vida. Vi fuzilar soldados estrangeiros, apenas por suspeita de que tencionavam fugir. Em Barcelona vi alguns oficiais assassinar quatro soldados num café, sem que ninguém se desse ao trabalho de limpar o sangue do solo. Sem julgamento, sem investigação, fuzila-se gente na rectaguarda governamental».

**O SUPREMO** Tribunal da Ucrânia acaba de condenar algumas dezenas de altos funcionários soviéticos e vultos importantes do partido comunista, a penas graves, de fuzilamento uns, e outros de deportação, como reus de alta traição e sabotagem. Estes indivíduos ocupavam, até há pouco tempo, cargos importantes na indústria. Como vêem, a matança continua. E parece que só acabará quando desaparecer a matéria prima, ou morrer o assassino. Como os russos são alguns milhões, é natural que Estaline morra antes que eles sejam todos fuzilados.

Em face desses acontecimentos, perguntam muitos se o chefe comunista terá enlouquecido. Provavelmente, nasceu com essa tara de sanguinário e sádico. Como revolucionário, fazia bombas e preparava atentados. Nos primeiros tempos do governo bolchevista, perseguia burgueses. Agora, persegue os companheiros. O que o bérço deu só a tumba pode levar...

## Sobreposição materialista

Um barcelense de nascimento e de coração, a quem o rumo da vida tem feito, e faz, residir longe, dizia, há dias, a propósito de algumas considerações, neste jornal publicadas, que, para aplaudi-las, no íntimo não faltaria quem, mas, para perfilha-las na prática difícil senão impossível, seria encontrar mais do que três ou quatro pessoas, e nem mesmo em tão pequeno número nunca seria achada unanimidade de vistas.

Tomado este modo de ver como conclusão definitiva, não valeria a pena gastar mais tinta com o assunto e, menos valeria a pena gastar esforço mental, que é trabalho embora muita gente julgue o contrário, pois se em Barcelos pagasse um jornal mesmo 25 escudos por um artigo, clamariam contra o escândalo quantos acham legítimo que, por intermediário entre produtos e consumidor alguém ganhe, o dôbro, em valor de mercadoria que vá pouco além, e em espaço de tempo incomparavelmente inferior ao dispendido na absorpção mental dos conhecimentos, em cuja posse se baseia o artigo.

O barcelense inteligente e culto lançava-nos a expressão de desânimo próprio, a que várias razões o levavam, sendo das maiores o espectáculo de timidez cultural dado por aquêles que tinham por dever exigir, reclamar, impôr o seu direito ao lugar próprio, que deixam usurpar.

E' na verdade lamentável, o que equivale a dizer que deve a imprensa combatê-lo como um dos males sociais, — é na verdade lamentável que, na hora em que tódas as classes se afirmam como tais, a classe de gente culta da nossa terra, procura, em geral, apagar-se e até subaltanizar-se mesmo com patente prejuízo do mais rudimentar amor próprio.

Ao ser proclamada a política do espírito, enquanto se assiste à justa consagração oficial da actividade mental portuguesa, em Barcelos o materialismo mercantilista é alçapremado não às alturas a que tenha jus pelo que representa, da parcela de utilidade social, mas ao cume da consideração sobrepondo-se a todos os outros sentimentos.

Em Barcelos os homens com a responsabilidade que ao nome traz a precedência de abreviatura titular, os homens que nos bancos das escolas adquiriram conhecimentos, mais complexos do que os da tóda a gente, os homens que em qualquer campo cultural se afirmaram, ganhando conceito de mérito, — todos êsses que têm por dever o exercício do direito de serem as personalidades mercantes do seu meio, — todos êsses assistem passivamente a que os releguem para o anonimato, em que bem se acham, e de que se recusam a sair a não ser por comparação material.

Assim contribuem para que, no conceito público barcelense, dentro de pouco a categoria social seja apenas dada pelo volume calculado ao saldo do haver monetário, atribuindo-lhe até a milagrosa virtude de dar talento e cultura.

Professando tal erro as piores conseqüências pode chegar-se. As massas incultas dando o exclusivo do mérito ao dinheiro, concluirão, em raciocínio simplista que, com dinheiro tudo se adquire.

Aonde tais conclusões podem levar não é preciso dizê-lo para que a gente de inteligência e de cultura, sobretudo os de mais responsabilidades, compreendam.

Alguns há que têm vergonha, que se sentem vexados não por si, mas pelos outros.

Mas não é encolhendo passivamente os ombros e aplaudindo os colegas que pelo materialismo obcecadamente se deixam dominar, que a desafrenta vem em vexame.

E seria tão fácil, como vi o desanimado conterrâneo, ou será tão fácil como afirmamos.

Basta que cada um tenha o legítimo orgulho de si próprio e a consciência das suas responsabilidades mentais.

Com isto basta para evitar sobreposições degradantes.

J. P.

**NA PALESTINA** anda acesa a luta entre árabes e judeus, e a imprensa internacional esforça-se por fazer crer que os primeiros é que são culpados de tudo e que os segundos não passam de pobres cordeiros, todos os dias imolados ao «nacionalismo árabe». A breca é que as vítimas, entre mortos e feridos, contam-se às centenas entre os árabes — e quasi pelos dedos entre os judeus. E isto basta para se verificar de que lado estão as culpas, ou pelo menos a quem cabe o maior quinhão das culpas.

A verdade é que os judeus responderam às justas reivindicações que os árabes apresentaram à Inglaterra desencadeando uma verdadeira vaga de terrorismo, do terrorismo mais brutal e

sistemático. Era de calcular que a batalha que regia essa tremenda sarabanda estivesse em Moscovo. Agora, porém, pode-se fazer essa afirmação, pois a polícia acaba de descobrir em Tel-Avir (a capital judaica da Palestina) uma vasta organização comunista que recebia directamente ordens do «Komin-tern». Foram encontrados documentos provando que a maioria dos atentados terroristas registados nos últimos tempos na Palestina, foram mandados executar por Moscovo...

Sempre a sombra do comunismo paira sobre espectáculos de anarquia, ruínas e morte. Todos os lugares, todos os pretextos servem para a diabólica acção dos dirigentes soviéticos. Mais uma vez prova para o processo...

**DORIO**T, o chefe do Partido Popular Francês, batalhador incansável na luta anti-comunista, esteve há pouco na Espanha nacional, onde visitou tódas as frentes e tódas as cidades importantes. Acompanharam-no alguns dos seus colaboradores mais imediatos.

De regresso a Paris, Doriot presidiu na sala Wagram a uma reunião monumental e entusiástica, em que deu conta aos franceses de boa vontade do que viu na sua visita à Espanha do General Franco. O seu discurso incidiu principalmente sobre as conseqüências políticas e económicas, presentes e futuras, da atitude pro comunista dos governos franceses, desde o princípio da Guerra Civil. Claude Popelin, porém, — ou seja o secretário da propaganda do partido, que o acompanhou a Espanha e que também falou na reunião referida — contou algumas coisas interessantes, que bem mostram a diferença que há entre as fantásticas promessas do programa comunista e as realizações insofismáveis dos anti-comunistas. Uns prometem a lua e dão o inferno. Os outros prometem realizações práticas — e executam-nas.

Ouçamos Claude Popelin:

«O que vimos, já era anunciado pelos nacionalistas o ano passado. Era preciso, porém, que eles o realizassem. Ora essa realização está já a frutificar. A situação dos operários está fixada. Muitos recebem salários de 70 pesetas. Não houve a menor diminuição de salários: pelo contrário, muitos foram aumentados. Em certas regiões da Andaluzia as jornas dos trabalhadores do campo aumentaram o dôbro. Além disso, a vida é mais barata do que em França. Os prisioneiros de guerra são pagos pela mesma tarifa do operário vulgar».

E mais adiante:

«Um exemplo típico: O General Queipo de Llano pôde fazer construir em plena guerra 1.100 casas para operários, casas de seis divisões, com quarto de banho, que são alugadas a 70 francos por mês (cêrca de 50 escudos)! Em Saragoça, o Governador civil mandou construir 900. Além disso, Queipo de Llano fundou vinte creches para 500 creanças cada uma. E isto em plena guerra!»

Fala agora Doriot:

«Tenho a convicção de que a obra social de Franco é mais favorável do que a decretada pela Frente Popular francesa, porque foi muito melhor, adaptada às circunstâncias».

Estas citações bastam para se fazer uma ideia das prodigiosas realizações que os nacionalistas estão a levar a cabo, no campo social.

Do outro lado, as conquistas do proletariado resumem-se a violações de túmulos, a massacres de mulheres e creanças e a outras manifestações semelhantes de «emancipação social»...

**SEGUNDO** notícias de Barcelona, sabe-se que os vermelhos, depois de terem acabado de fuzilar a gente das direitas, começaram a matar os seus aliados de ontem, exactamente como na U. R. S. S.

Hoje, na Espanha vermelha, é perigoso ser comunista dissidente, anarquista, sindicalista, amigo dos grandes chefes das esquerdas como Largo Caballero ou André Nin. O último que era o chefe da POUM e foi Ministro da Justiça, já foi fuzilado. Quando chegará a vez a Largo Caballero?

## NOTAS DE LISBOA

15 DE AGOSTO

Celebrou-se ontem um aniversário mais, da batalha de Aljubarrota, travada entre portugueses e castelhanos, em 14 de Agosto de 1385.

Evoca-la é evocar a independência nacional, e quem toda a vida se bateu por ela, o grande D. Nuno Alvares Pereira, modelo acabado de patriotismo e amor de Deus.

Anda tão intimamente ligado ao renascimento português de hoje, o sentimento da independência nacional, que mal procederíamos, se não fôssemos buscar à nossa História o incentivo que ambos requerem na alma da nossa gente.

O Estado Novo, compreendendo que a Pátria é uma unidade, não só de hoje, mas de todos os tempos, desde o seu berço aos nossos dias e dos nossos dias aos dias, futuros; e compreendendo também que as virtudes dos nossos maiores têm de ser as nossas virtudes, visto não haver outras que engrandecem a Pátria, o Estado Novo não esmorece em despertar em nossa alma o amor às glórias da nossa História, e respeito às figuras que a honraram.

Seria errado e mesquinho julgar que o presente é que conta, e que o passado é coisa morta. Passam os homens e as instituições—não passa, porém, a alma da nacionalidade, e esta, tanto é dos vivos como dos mortos, e como dos que não-de-nascer. Todavia, o alimento desta continuidade, da alma nacional, é a lembrança vivida em nós, dos que serviram a Pátria, como espelhos do melhor dessa alma.

Eis o que a experiência nos ensina, como no-lo ensinava já a razão, contra aqueles que porventura desdenhassem do culto da nossa História.

Lemos há dias nos jornais a notícia de uns operários que trabalhavam na reparação ou construção de uma estrada, de noite, à luz de acetilene, sem horas de descanso, nem salários que os livrassem da fome.

Como este exemplo de injustiça social, outros haverá de certo, a contrariar a acção do Estado Novo, e a alimentar o espírito de guerra entre patrões e trabalhadores.

A legislação corporativa prevê um mínimo de condições de existência, para quem trabalha, abaixo do qual não é humano descer, ainda que com algum sacrifício dos patrões.

Ora, este sacrifício impõe-se por um dever de justiça social, e até por interesse do próprio patrão,—pois condições de existência humanamente suficiente já dão ao trabalhador a alegria de trabalhar para viver, cujo efeito, excepto num caso ou noutro, se nota em maior rendimento do trabalho. Mas, ainda que tal se não desse, é, como dissemos, um dever de justiça social garantir aos trabalhadores o mínimo de existência referido.

Fala-se de crise económica, e com razão; mas, cumprindo o Estado Novo o seu dever de acudir quanto possível a essa crise,—o que há também e sobretudo, é uma grande crise de solidariedade, de amor do próximo, de amor do bem da Nação, colaboração que ao Estado Novo devemos,—do cumprimento dos nossos deveres sociais.

Assim, o corolário que se impunha era o Estado absorver-nos a liberdade, porque esta não se define só por direitos.

A. da F.

## Farmácias de serviço

No próximo domingo e durante a semana estão de serviço permanente as farmácias dos srs.: Carlos Ramos na rua Barjona de Freitas e José Alves de Faria em Barcelinhos.

## Portugal e o seu Império

Todos os dias os jornais nos trazem a notícia da viagem verdadeiramente triunfal que o Chefe do Estado está a fazer através da maior província do Império. Por toda a parte não são já as populações brancas quem manifesta o seu enorme contentamento por ver entre si o mais alto magistrado da Nação; são, sobretudo, as populações indígenas que, em manifestação do extraordinário amor por Portugal, acorrem dos confins de Angola para verem de perto quem é para eles mais do que o vago Deus supremo que adoram, mas a encarnação da justiça e da protecção que esperam sempre do povo seu descobridor e com o qual mantém relações há mais de 4 séculos.

Este prestígio de que Portugal goza ainda hoje em África, entre os inumeráveis povoados indígenas, e que leva os nativos a colocarem o português à cabeça dos povos colonizados do continente africano, este prestígio que nem os desvários da política liberal e demagógica abalaram nos seus fundamentos, este prestígio de que gozamos, os portugueses, a-pezar-de só muito modernamente principiámos a olhar de modo decisivo pelo bem estar e civilização do indígena, este prestígio é uma das grandes consolações da nossa obra de colonizadores em quasi cinco séculos de obra civilizadora nos quatro cantos do globo.

Foi verdadeiramente gigantesco o nosso esforço desde que em 1415 asentamos pé em África; tão gigantesco e tão desproporcionado para as nossas posses que em dois breves séculos nos deixou inermes e incapazes de prosseguir no mesmo ritmo que até ali.

Para bem se avaliar tal esforço e o que de grande representou para a humanidade basta compará-lo com o que modernamente os povos vindos depois de nós têm feito; vejam-se as dificuldades que a Inglaterra, a França e a Itália encontraram e ainda hoje encontram para imporem o seu domínio no continente africano ou asiático, a-pezar-de disporem dos imensos recursos acumulados pela civilização e pelo progresso desde a era das grandes invenções. E se em muitos casos, como na Índia, tivemos de impôr violentamente o nosso domínio, nem por isso o respeito e o amor dos indígenas foram menores por nós. Corremos o mundo levados quer pelo espírito aventureiro da nossa raça, quer pelo alto ideal cristianizador que presidiu aos descobrimentos, quer mais tarde pela miragem das fabulosas riquezas do Oriente. Factores de vária ordem impediram que disputássemos indefinidamente a posse de tão vasto império, perfeitamente para além das nossas fracas possibilidades de então. Mas nem por esse facto a nossa obra foi menos fecunda e duradoura, como a-hoje o atestam nações que, como a Inglaterra, herdaram os vastos territórios que descobrimos, povoamos e civilizamos.

A obra formidável de dominar a Índia fez-nos esquecer durante algum tempo a África e o Brasil, e quando D. João III a cujas altas qualidades de monarca numa é demais fazer justiça, se voltou para o Brasil, ficou ainda a África para melhor oportunidade, que só no século XIX, após a perda daquela nossa grande colónia, se ofe-

receu. A-pezar-dos desvários da política liberal e de quantas vergonhas tivemos de sofrer por ela originados, alguns homens de valor houve que tiveram a visão larga de que na África está o futuro de Portugal. Daí a política colonial a que para sempre ficarão ligados, acima de todos, os nomes de Sá da Bandeira, de Mousinho e de António Enes, aos quais se devem essas duas magnificas realidades de Angola e Moçambique. Mas se por um momento só nos detivermos a meditar sobre este facto, logo nos sentimos assombrados e preguntaremos como é que essas duas possessões imensamente ricas e povoadas puderam ficar em nosso poder durante o tempo em que só nos preocupava a Índia e depois o Brasil, e em que outros povos se lançavam sobre os nossos domínios com o ímpeto de abutres sobre cadáveres apodrecidos. Esse é o segredo do nosso espírito colonizador que associa imediatamente o indígena à obra a que se votou e faz dele um colaborador em vez de um escravo.

Por isso se explica que o nome de Portugal goze ainda hoje do imenso prestígio de outrora entre as populações africanas e que ainda em nossos dias o indígena sempre colabore con-nôco na obra grandiosa a que nos votamos e para a qual encontramos nas Missões religiosas católicas o nosso mais precioso auxiliar. Deste modo a colonização portuguesa se manifesta hoje como sempre essencialmente nacionalista e cristã no intuito altruísta de levar às populações nativas os benefícios da civilização.

A. D. A.

## A VIAGEM PRESIDENCIAL A' AFRICA OCIDENTAL PORTUGUESA

Iniciou já a viagem de regresso à metrópole da sua triunfal viagem à África Ocidental Portuguesa, o venerando Chefe do Estado sr. General Carmona.

Ao abandonar a província de Angola o sr. Presidente da República enviou ao sr. Presidente do Conselho o seguinte telegrama: «Ao deixar as terras portuguesas de África é maior a minha fé na grandeza de Portugal».

—Toda a imprensa do País continua a referir-se com relatos desenvolvidos às inúmeras festas promovidas em honra do Chefe do Estado durante a sua 1.ª viagem ao Império português, pondo em devido relevo o entusiasmo indescrevível como decorreram.

Alguns jornais estrangeiros também se têm referido, com artigos elogiosos a Portugal e ao Estado Novo, ao verdadeiro significado da viagem.

## A OBRA DO ESTADO NOVO

Até 1940 vão construir-se em Lisboa 2.000 casas económicas e os miseráveis «bairros de lata» ainda este ano serão substituídos por mil casas desmontáveis que principiaram já a ser construídas.

A substituição dos «bairros de lata», é feita a expensas da Câmara Municipal de Lisboa.

—Oxalá que a nossa Câmara seguindo o exemplo da de Lisboa, estude a maneira de extinguir os tugúrios miseráveis em que vivem nesta cidade algumas famílias.

Faria obra cristã, obra do Estado Novo.

## NOVO ENGENHEIRO

Concluiu a sua licenciatura em Engenharia Electrotécnica, o nosso estimado amigo sr. engenheiro Joaquim José Martins da Costa Soares, filho querido da sr.ª D. Adelaide de Jesus Coelho Martins Soares proprietária e do saudoso Contador Judicial de Felgueiras sr. Eduardo Martins da Costa Soares.

Ao novo e inteligente engenheiro que fez o seu curso sempre com honrosas distinções, bem como à sua Família, apresentamos os nossos mais efusivos cumprimentos de parabéns.

## Arraial Minhoto em Espozende

Na vizinha vila de Espozende vai realizar-se uma linda festa no proximo sabado—um arraial minhoto.

Já se encontram muito adeantadas as ornamentações, tendo sido distribuídos muitos convites para Braga, Foz, Porto, Viana do Castelo, Povoia de Varzim e Vila do Conde.

O produto da festa, pagas as despesas, é para as casas de caridade da linda vila.

## David Martins de Lima

Um verdadeiro herói

Venho corrigir dois grandes desconchavos que saíram no que escrevi sob este título e no último número do Notícias: Martins de Lima foi um dos melhores soldados de Roçadas na campanha dos Cuámatos. De Mousinho não... E a dedicatória da fotografia de Roçadas está datada de 18-3-908. Em 18-3-90 não, era cedo de mais.

R. N.

## VOLTA A PORTUGAL

Como noticiamos, passaram na ultima quinta-feira nesta cidade os valerosos ciclistas que no domingo, com a chegada ao estádio do Lima, concluíram a VII Volta a Portugal.

Devido a ser dia do mercado semanal, a passagem nesta cidade dos ciclistas foi presenciada por muitas centenas de pessoas.

Uma girândola de foguetes, anunciou a chegada dos corredores em Barcelinhos.

Os prémios, foram os seguintes: 150\$00 ao 1.º, 100\$00 ao 2.º e 50\$00 ao 3.º, todos oferecidos pela Câmara Municipal; ao 4.º um bolo colonial, oferta da Pastelaria Colonial; ao 5.º, 2 garrafas de vinho «Ferreirinha» oferta da casa Tomaz J. de Araújo & C.ª, Sucsr, Ld.ª e ao último, 1 garrafa de licôr, oferecida pelo proprietário da leitaria «A Primorosa» sr. Herculano Ventura Fernandes.

O ordem da passagem, na meta desta cidade, em frente ao Turismo, foi a seguinte:

1.º Túlio Pereira, 2.º Ildefonso Rodrigues, 3.º Martins Aguiar, 4.º A. Bartolomeu e 5.º Alves Barbosa.

O último a passar, foi Vicente Neto. —Jorge Moreira, o primeiro corredor do Norte que cortou a meta, ganhou uma garrafa de licôr, oferta do «Café Novo».

A Comissão de recepção era formada pelos srs.: Presidente da Câmara, Miguel Gomes de Miranda; Delegado do Governo, Francisco M. Torres; tenente da G. N. R. Ernesto Moreira dos Santos; chefe da Polícia e José Ribeiro Novo.

Foi muito bem organizado o serviço de policiamento feito pela G. N. R.; Polícia e Bombeiros e Barcelos e Barcelinhos.



## Um diplomata lúcido

O ano passado, um diplomata inglês, sir Francis Lindley, antigo embaixador na Rússia e no Japão, escrevia no «Evening Standard» o seguinte, a propósito da admissão da União Soviética na S. D. N.:

«Grande número de estados fazem parte da S. D. N., mas, na realidade, só a Grã-Bretanha, a França e a Rússia determinam a sua política. A Inglaterra deu um golpe de morte na instituição de Genebra empregando a sua influência para lá meter a U. R. S. S. Para sua eterna vergonha, a Grã-Bretanha deixou ao representante da Suíça o papel de defender a honra internacional (aqui o diplomata inglês esquece o discurso que então pronunciou o Dr. Caeiro da Mata, representante de Portugal...). Por alguma razão o Sr. Motta, com apaixonada franqueza, se opôs a admissão da Rússia dos soviets. Por alguma razão, também, a Holanda, a Bélgica, Portugal e quasi todos os Estados da América do Sul se recusam a suportar nos seus territórios a presença de funcionários soviéticos. Esses países têm plena consciência do perigo efectivo e moral que representaria o facto de aceitarem, a-dentro das suas portas, agentes oficiais estrangeiros que não pensam senão em espalhar a revolução e o terror. É insensato acreditar numa ajuda dos soviets, em caso de ataque (esta carapuça é para a França...). É absurdo acreditar na eficácia da S. D. N. enquanto a Rússia lá permanecer. A U. R. S. S., com os seus métodos dos fundos secretos, trabalha no sentido da revolução e do crime. A Grã-Bretanha sentir-se-ia muito melhor na companhia dos Motta, dos Colijn, dos Van Zeeland e dos Salazar»...

Para comentário basta este: começa-se a ver claro do outro lado da Mancha.

## HUMBERTO BARBOSA

Em Viana do Castelo, faleceu, na última quinta-feira, o sr. Humberto da Silva Barbosa, filho extremo do nosso amigo sr. capitão João Hermínio Barbosa.

Apenas com a idade de 30 anos, o extinto era 1.º sargento músico de Infantaria 3 e estimado regente da banda dos Bombeiros Voluntários de Viana do Castelo.

—A toda a família enlutada e em especial ao pai do extinto, apresentamos as nossas sentidas condolências.

local. e que aprumo! Depois de religioso silêncio, em sua frente, e com voz timbrada, fala-lhes o Dr. Fonseca. Não é uma criatura banal. É um homem não só dotado de excepcionais dotes oratórios e edição fácil, mas embebido todo em Acção Católica. Viu-se ali não o homem em si mas alma vibrante, e o coração expansivo a dizer à rapaziada o que eram, e o que deles se esperava. Por fim levanta-se também para falar a figura insinuante e captivante de Sua Eminência. Já tive a dita de o ouvir várias vezes; mas como em Fátima ainda não. Não se pode perder uma única palavra. O seu entusiasmo, o seu modo de dizer, o calor da sua dicção, tudo nos indicou que outro não podia ser o enviado do alto para chefiar a Acção Católica. Em seguida vai a Virgem proccionalmente para o mosteiro; é celebrada a Santa Missa por Sua Eminência. No fim desta é dada a bênção do S. S. aos doentes e aos peregrinos, e de novo volta o ancor da Virgem ao seu lugar. Cânticos, vivas, lenços, lágrimas, um vai-vem contínuo dos povos que lhe custava a deixar aquele local foi o que nossos olhos presenciaram ao deixarmos também aquele local

## Regatas no rio Cávado

Como noticiamos no nosso último número realizaram-se no passado domingo, no nosso formoso rio, as regatas promovidas pela União Foot-Ball Barcelinense com a participação de 4 equipas representando o club organizador, Vasco da Gama e uma tripulação individual.

As eliminatórias decorreram com entusiasmo ficando apurados para disputar a final a tripulação do União Barcelinense e Individual que, apoz uma corrida brilhante, acabaram por triunfar batendo o seu adversario mesmo junto à linha de chegada. O percurso, aproximadamente 1.100 metros, foi coberto em 4 minutos e 45 segundos.

A tripulação individual vencedora era constituída respectivamente por Barros Lopes, timoneiro, Abilio Lima da Costa, Agostinho Neves, João Vieira Fins e Francisco Alves da Costa.

## NOTICIAS DIVERSAS

Em Fão, a veranejar, com suas famílias os srs. José Pereira da Quinta Junior e Augusto Soucasaux.

—Em Espozende a sr.ª D. Rosa C. Teixeira com sua filha.

—Com sua família, a passar a costurada temporada de verão na sua propriedade da Esparrinha, o sr. António Gomes Faria Rêgo.

—Regressou das Caldas do Eirôgo à sua casa em Adães, a sr.ª D. Virgínia Veloso Barroso.

—Em Creixomil, com sua esposa e filhinhos, o sr. Simplicio Souza.

## SOCIEDADE

### Aniversários

#### Fazem anos:

Hoje—o sr. Dr. Miguel Fonseca. Amanhã—a sr.ª D. Olindina Miranda de Andrade e o sr. Dr. Francisco Miranda de Andrade.

Sábado—a sr.ª D. Maria Alice da Cruz Lima.

Domingo—o sr. Álvaro Fernandes de Souza e o menino Jorge Martins da Silva Corrêa.

Dia 30—o sr. Dr. Adélio Marinho.

Dia 31—o sr. Dr. António Rodrigues de Miranda, Cônsul de Portugal no Pará.

Este número foi visado pela

Comissão de Censura

bendito. Depois camionete em cena e principiamos o nosso regresso, vindo por Figueira da Foz, Espinho, Estarreja, Aveiro, Ovar, Póvoa de Varzim, Fão, Barcelos.

Oxalá que no próximo ano Nossa Senhora de Fátima me conceda a graça de lá voltar.

—Recebeu as águas do batismo Manuel, filho de Eduardo Fernandes Torres e Emilia Fernandes de Oliveira.

—Fizeram anos: em 12 Rosa Torres de Faria e Justina Alves de Macedo; em 14 Joaquim Gonçalves Fernandes Soutelo e João Lourenço da Silva Matos; em 15 Ana de Carvalho e João Fernandes Torres; em 16 José Fernandes Pinto; em 17 Maria Gonçalves de Oliveira e Maria Torres de Faria; em 19 Joaquim Pereira Cardoso; em 22 Maria da Conceição do Vale; em 23 Fernando Fernandes Torres e Maria Rosa Ferreira da Costa; em 25 Domingos Fernandes Coelho.

—Na próxima quinta feira, 1 de Setembro, principia nesta freguesia o tríduo em honra do Sagrado Coração da Jesus. Está encarregado das práticas o Rev.º P.º Américo da Costa Nilo, de Póvoa de Varzim.—C.

## Curso teológico de 1898 a 1901

Reunem hoje nesta cidade os alunos do Seminário de Braga, que terminaram o curso teológico em 1901.

Fazem parte desse curso o nosso zeloso e digno Paroco Sr. Prior Joaquim Alexandre Gaiolas e o nosso conterrâneo Sr. P.º Bonifacio Lamela.

É o seguinte o programa da reunião:

Dia 25, às 11 horas—Exéquias pelos professores e condiscípulos falecidos. Às 13 horas—Almôço íntimo.

À tarde—Visita aos monumentos e casas de caridade—Visita à Franqueira—Castelo de Faria e Convento de Vilar de Frades.

Às 21 horas—Ceia íntima.

Às 22 horas—Sessão de propagação da Acção Católica.

Dia 26—Missas gerais por alma dos condiscípulos falecidos.

Às 10 horas—Digressão à Quinta de Curvos, Espozende. — Almôço de confraternização na Barca do Lago.

À tarde—Regresso a Barcelos por Espozende, Fão, Necessidades, etc.—Ceia íntima para todos que não tenham de retirar-se nessa tarde.

## NASCIMENTO

A esposa do negociante desta praça, sr. Armando Pereira de Miranda, presenteou-o com uma interessante menina. Os nossos parabens.

## Gil Vicente Foot-Ball Club

Da-nos em officio conhecimento esta sociedade sportiva local que, em Assembleia Geral, foram eleitos os corpos gerentes para exercicio de 1938-39 assim constituídos:

Assembleia Geral—Presidente, Simplicio Souza; Vice, Alberto Costa Pinto; 1.º secretário, Teotónio Evangelista de Lima; e 2.º, Agostinho Teixeira dos Santos.

Comissão Administrativa—Presidente, Luís Gonzaga de Oliveira Fernandes; secretário, José Braz da Fonseca; e teoureiro, Augusto Dias Pimenta.

Conselho Fiscal—Presidente, António Joaquim Terra; secretário, Pedro Fortes de Carvalho; e vogal, Mário Domingues de Araújo.

## FALECIMENTOS

Nesta cidade faleceram, com 88 anos o sr. Joaquim Monteiro Exposto, o «Tarané» e o caiador sr. Manuel Cruz, o «Marinho», de 35 anos de idade.

## CASA

Vende-se própria para negócio na estrada do Eirogo. Falar nesta redacção.

## Camionete a Fátima

Nos dias 12 e 13 de Outubro. Falar no Bazar de S. José.

## VENDA

Em Santa Maria do Abade, junto á estrada, vende-se uma casa e cirado que foi de Alberto Neiva.

Para tratar com o solicitador Corrêa.

## Dr. Adélio Marinho

Consultorio e Residencia  
Rua Dom António Barroso, 141  
Telefone 28

## Vedor—Aviso

Valentim Fernandes de Araujo, de Paradela, filho do conhecidissimo vedor de águas José António de Araújo, vem participar o falecimento de seu pai, participando também, por tal motivo, que está habilitado a trabalhar naquella especialidade com o maior acerto.

## Carreiras diárias de camionetes

Entre Ponte do Lima e Porto  
NOVO HORARIO DESDE 1 DE MAIO  
A 30 DE SETEMBRO

Localidades	Chegada	Paragem	Partida
Ponte do Lima			7,30
Correlhã . . . .	7,40		7,40
Balugães . . . .	8,10	5 <sup>m</sup>	8,15
Barcelos . . . .	8,45	5 <sup>m</sup>	8,50
Famalicão . . . .	9,30		9,30
Trofa . . . . .	9,53		9,53
Porto . . . . .	10,35		17,30
Trofa . . . . .	18,12		18,12
Famalicão . . . .	18,35	5 <sup>m</sup>	18,40
Barcelos . . . . .	19,20		19,20
Balugães . . . . .	19,50	5 <sup>m</sup>	19,55
Correlhã . . . . .	20,20		20,20
Ponte do Lima	20,30		

A partida de Freixo é às 8 e a chegada às 20,05

Escritório no Porto  
Garagem «Comércio do Porto»

CAMIONETES PARA ALUGUER E EXCURSÕES  
falar com  
DOMINGOS DA CUNHA VILAS-BOAS  
BALUGÃES

## AUTOMOVEL 6 LUGARES

Aluga JOSÉ PERESTRELO  
Largo José Novais  
Telefone 8

## PINHEIROS

Ninguém venda sem consultar-me.

Arlindo Sá

Laundos—Povoa de Varzim

## CASA NETO

A casa que melhores vinhos tem e que mais barato fornece comidas

Rua Nova de S. José

## “NOTICIAS DE BARCELOS,”

ASSINATURAS  
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Ano

Barcelos . . . . .	12\$00
Continente . . . . .	14\$00
Colonias Portuguezas . . . . .	25\$00
Paizes Estrangeiros . . . . .	30\$00
Espanha . . . . .	20\$00

Dirigir todos os pedidos de assinatura e anuncios á Administração do «Noticias de Barcelos» ou á Tipografia deste jornal.